

Nutrição e alimentação dos povos indígenas: um desafio intercultural

Dra. Vanessa Moreira Haquim

CRN-3: 17210 / Nutricionista do Projeto Xingu – Ambulatório do Índio da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Estima-se que os povos indígenas representem 0,2% da população brasileira atual, totalizando aproximadamente 600 mil indígenas distribuídos por todo território nacional. São 227 povos, falantes de mais de 180 línguas diferentes, espalhados por milhares de aldeias localizadas no interior de 611 terras indígenas, cada qual com sua história, língua, cultura e hábitos de vida diferenciados. Dentre seus costumes, estão os hábitos alimentares e os meios de subsistência peculiares.

A alimentação de alguns povos ainda consiste basicamente na atividade coletora, caça e cocção de algumas preparações, como beiju, farinha de mandioca, mingau de mandioca e de milho, peixes etc. Contudo, a partir do contato com a população não-indígena, a alimentação dessa população passou a integrar a dieta de diversos povos. Mas este processo não é recente. Os primeiros relatos aparecem na carta de Pero Vaz de Caminha, na qual ele escreve a respeito da observação de Pedro Álvares Cabral sobre o comportamento dos primeiros indígenas encontrados: “(...) deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, mel e fogos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; se alguma coisa provavam, logo a lançavam fora”. Hoje, o cenário é outro. Consomem arroz, feijão, macarrão, café, açúcar, sal, óleo, enlatados, entre outros alimentos, ou seja, experimentam de tudo e chegam a consumi-los frequentemente.

Podemos enxergar esse cenário a partir de várias perspectivas, e é nesse momento que ciências como a Nutrição, junto ao olhar da antropologia, formam uma parceria interessante. Para visualizar o outro, principalmente quando se trata de uma cultura diferenciada, é necessário adotar uma postura reflexiva para compreender a complexidade que envolve as dinâmicas das diversas expressões culturais. Entender as regras que norteiam a vida e a alimentação desses povos é um

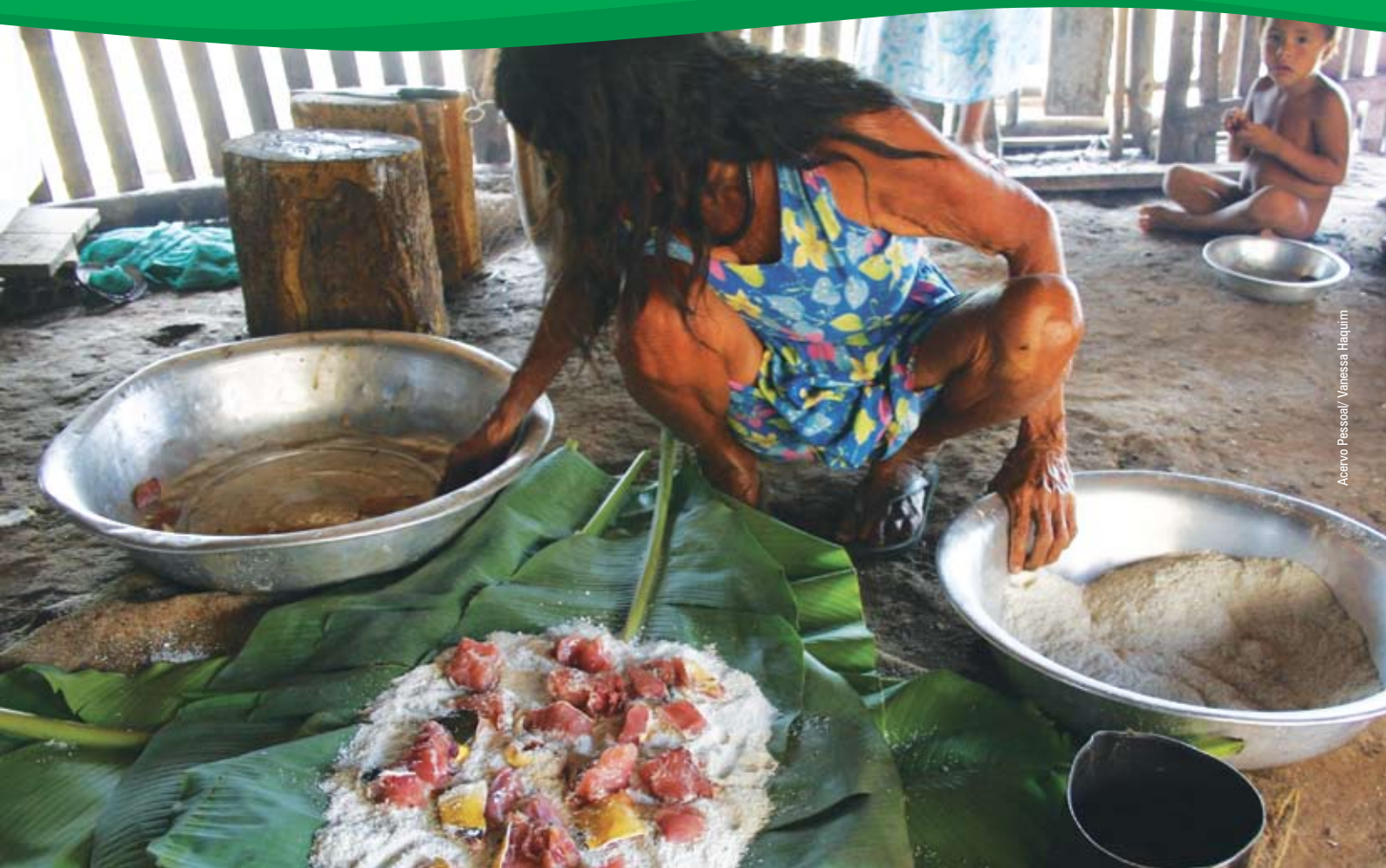
passo fundamental nesse processo.

Entre alguns povos indígenas, a saúde e a alimentação também carregam valores não somente biológicos e sociais, mas também espirituais. Assim como os não-indígenas, eles também atribuem regras à alimentação. A situação torna-se delicada quando a alimentação do não-índio é, em grande parte das vezes, incorporada sem regra alguma. Exemplo disso é a utilização de sal, açúcar e óleo sem o conhecimento prévio de suas regras para o consumo.

Entendemos a incorporação do alimento do branco como uma realidade que precisamos lidar, discutindo com as comunidades indígenas as regras de uso, seus benefícios e malefícios, bem como a correspondência nutricional dos alimentos tradicionais com os não-tradicionais. Vislumbramos aí uma oportunidade de interação que precisa ser trabalhada cuidadosa e delicadamente, respeitando as especificidades culturais.

Apesar da escassez de dados referente ao estado de saúde das populações indígenas, temos assistido a emergência de doenças crônicas não transmissíveis como a diabetes *melittus* tipo II, hipertensão arterial e dislipidemias, decorrentes também da obesidade já presente, além da desnutrição infantil e a carência de micronutrientes. A etiologia dessas doenças tem origem multicausal e está estreitamente relacionada a processos históricos de mudanças socioculturais, econômicas e ambientais conseqüentes de sua interação com a sociedade, levando à quebra de regras tradicionais, assalariamento, introdução errônea de alimentos industrializados, sedentarização, escassez de terra para plantio, dentre outras.

Para entender e enfrentar a insegurança alimentar das populações indígenas é fundamental o respeito à diversidade cultural e à relação de contato destes povos com a sociedade



Arquivo Pessal/ Vanessa Haquim

nacional. E é baseado nesse olhar contextualizado que a equipe do Projeto Xingu, do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), trabalha há 43 anos com as populações do Parque Indígena do Xingu, de Mato Grosso, onde habitam 14 etnias vivendo em mais de 40 aldeias, que se diferenciam dos pontos de vista lingüístico e sociocultural.

O enfrentamento destas doenças, que já atingem as populações do Xingu, se dá por meio de uma série de ações, cujo método vem se solidificando ao longo dos anos. Para enfrentar tal situação, trabalhamos com oficinas de caráter problematizador e na capacitação da equipe local de saúde, buscando sempre a valorização dos conhecimentos tradicionais das lideranças, pajés, velhos e das mulheres em relação à concepção de saúde e alimentação.

Em se tratando de povos como os Pankararu, etnia originária do Nordeste, que começaram a migrar para São Paulo na década de 1960, e os Guarani, do Pico do Jaraguá e que vivem na cidade de São Paulo, a questão se torna ainda mais delicada, pois são indígenas que lutam para sobreviver em áreas urbanas; a maioria trabalha em subempregos, com ren-

dimentos mínimos e sem terras para produção de alimentos para o consumo. Em trabalhos iniciais com essas populações, identificamos porcentagens preocupantes de desnutrição infantil avaliados pelos indicadores de peso para idade e altura para idade.

A escassez de dados oficiais e trabalhos que demonstram a situação do perfil nutricional da população indígena do Brasil é um fato. É necessário aumentar o número de pesquisas, priorizando estudos que contemplem a diversidade desses povos, fornecendo dados para nortear políticas que consigam transformar a realidade dessas populações e causar impactos positivos em suas condições de vida.

É importante ressaltar ainda que o profissional de nutrição, como parte de uma equipe multiprofissional, tem papel essencial na compreensão do estado nutricional e na elaboração de estratégias de enfrentamento da situação de insegurança alimentar e nutricional dessas populações. Porém, é preciso agregar um conhecimento antropológico que possibilite o diálogo e a construção de uma relação intercultural, que leve a uma ação contextualizada e não à reprodução padronizada ou mecanicista do modelo acadêmico ou do trabalho cotidiano. ☺